

AVENÇA
Publicação Mensal

PORTE



PAGO

Dep. Legal N.º 19/82

Preço avulso: 100\$00

Notícias de Nariz e Fátima

ANO XXXIII • N.º 310
Dezembro 1999

Director, Editor e Administrador:
P.º Jorge M. M. Fragoso; Proprietário:
Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa
Senhora de Fátima; Redacção e
Administração: Paróquia de Nossa
Senhora de Fátima • 3810 • Telef. 234
941241 • Telemóvel 917579188 •
Composição e impressão: ARTIPOL -
Artes Tipográficas, Lda. • ÁGUEDA

VOLTEI

Com licença, amigos!
Será que posso entrar?
Eu sou a criança.
A mesma criança
indefesa e frágil
que já pedi
acolhimento e protecção
no seio de Maria.

Naquele tempo,
alguns bateram-me
com a porta na cara, e
disseram que para mim
não havia lugar
em casa de gente.
Mas, hoje as pessoas
são civilizadas, e...
também a certeza
que não precisarei
refugiar-me numa gruta.

Por isso voltei. E,
se me permitirdes vou entrar.
Com licença, amigos.
Eu voltei. Eu volto sempre.
Quem ama, volta sempre.

Anónimo
In: *Ida Consagrada*

Festa de Natal para a Comunidade

FÁTIMA - Dia 19 - às 14H30

NARIZ - Dia 19 - às 14H00

A todos os seus leitores, amigos e assinantes
o "Notícias de Nariz e Fátima" deseja

Feliz Natal e
Próspero Ano Novo

Pensamento do Mês

*"Se passares o tempo sem pensares na eternidade,
passarás a eternidade a pensar no tempo"*

ANTÓNIO VIEIRA

Jubileu - Ano do Senhor

Nesta caminhada de vinte séculos desde a Encarnação de Cristo alguns anos foram celebrados com características especiais. São os chamados *anos jubilares*.

O que vamos em breve viver é o

de Deus, no fim dos tempos.

Como o tempo dedicado particularmente a Deus, o Jubileu, no Antigo Testamento, celebrava-se de sete em sete anos, segundo a Lei de Moisés. O sétimo ano era chamado "Ano Sabático" durante o qual se deixavam os escravos e se concedia o perdão de todas as dívidas. Tudo isto era feito em honra de Deus (conf. Ex. 23, 10-11; Lev. 25, 1-28 e Deut 15, 1-6).

Ano Jubilar

De cinquenta em cinquenta anos tinha lugar um *Ano Jubilar* no qual se concediam favores mais amplos, como, por exemplo, o voltar à posse dos bens familiares, se tivessem sido vendidos ou perdidos, alienados no caso de os proprietários terem caído na escravidão:

"Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando na vossa terra a liberdade de todos os que a habitam. Este ano será para vós. Voltará à sua propriedade, e à sua família. Não sementeis, não colhereis do que cresce espontaneamente, nem vindimareis as vinhas que não foram podadas. Porque é o Jubileu, deve ser uma coisa santa para vós e comereis o produto

(Continua na segunda página)

seculo e o milénio. Inicia neste Natal

O Papa João Paulo II, na Carta Apostólica sobre a preparação deste Jubileu, começa por recordar que "no cristianismo, o tempo tem uma importância fundamental. Dentro da sua dimensão foi criado o mundo, no seu âmbito desenvolve-se a história, que atinge o seu ponto culminante na plenitude do tempo da Encarnação e a sua meta no regresso glorioso do Filho

II Sínodo especial para a Europa

De 1 a 23 de Outubro decorreu no Vaticano o Sínodo para a Europa.

D. António Marcelino foi um dos três bispos portugueses presentes.

Deixa-nos aqui o seu balanço e testemunho do evento.

Já participei no I Sínodo para a Europa. Uma outra situação, mas o mesmo mundo de problemas religiosos, humanos, políticos e sociais. De 1991 para cá mudou muito e parece que pouco mudou.

A Igreja entrou em sínodo com uma fé inabalável: Cristo está vivo na sua Igreja e Ele constitui a fonte de esperança para a Europa de hoje.

Não é possível reflectir sobre problemas graves e complexos sem a consciência de que se está irmanado na mesma fé e se parte da mesma certeza.

Duzentas intervenções individuais

que, devendo embora ser referenciadas ao "Documento de Trabalho", dada a variedade das pessoas e os problemas de que eram portadores, apareceram como uma dispersão quase incontrolável. Com base num novo documento que fizera a recolha de tudo, foi possível, nos grupos linguísticos, elencar assuntos, concretizar temas e preparar 40 propostas para serem votadas. Nem todas têm igual valor ou dimensão pastoral. Porém, dada a diversidade dos problemas, ritmos e situações, o que é mais comum parece

(Continua na segunda página)

II Sínodo especial para a Europa

(Continuação da primeira página)

ter sido contemplado. Os temas foram agrupados à volta do testemunho e da proclamação do Evangelho da esperança na Europa, que a mensagem final do Sínodo assumiu como o primeiro dever da Igreja e de todos os cristãos, pela sua fé em Cristo vivo e actuante.

Temas como o ecumenismo, a missão *ad gentes*, a iniciação cristã, a opção pelos jovens, a formação dos leigos até à maturidade, a que se juntaram outros mais referidos à vida interna das comunidades cristãs, às vocações baptismas, às paróquias e movimentos laicais, completam-se numa terceira parte com os problemas da cultura, da sociedade civil, das instituições civis e da União Europeia.

Depois de ter participado em três sínodos, e de me sentir enriquecido por este pulsar da Igreja que luta e sofre para dar testemunho da verdade e ser mediadora de salvação para todos, interrogo-me, depois da caminhada auspiciosa iniciada por Paulo VI e do caminho andado, graças ao dinamismo de João Paulo II, se não chegou a hora de reflectir sobre esta forma da participação colegial. Com a sua inegável autoridade, foi isto mesmo que

disse o cardeal Martini na sua intervenção, certamente aquela que mereceu o melhor acolhimento dos medias de todo o continente europeu. Verifiquei mais uma vez, que a deficiente leitura da realidade e do discernimento dos sinais dos tempos, com a consequente dificuldade do diálogo com a cultura, constituem a grande dificuldade para que a Igreja possa descobrir caminhos e ir mais longe na sua missão evangelizadora e de servidora da sociedade.

Está fora de causa tudo quanto na Igreja se faz com generosidade e fidelidade, mas a minha convicção é de que podemos ir mais longe se nos empenharmos num processo sério de conversão pessoal e comunitária a Deus, pai de misericórdia, e também à sociedade e às pessoas que Deus ama infinitamente e em favor das quais não se cansa de fazer bem.

Um bispo tem sempre, perante os olhos, do rosto e do coração, o povo que lhe foi confiado e sobre o qual deve responder perante Deus e o mesmo povo. Do testemunho do papa, bispos, padres, leigos e consagrados, recebi muito neste Sínodo.

(Continuação da primeira página)

dos campos. Neste Jubileu, cada um de vós recobrará a sua propriedade" (Lev 25, 10-13).

Deste modo, o Ano Jubilar também servia para o restabelecimento da justiça social.

Desde que Jesus, na Sinagoga da sua cidade, proclamou o ano da graça do Senhor (Luc 4, 18-19), o ano jubilar foi visto como tempo favorável para remissão dos pecados e das suas penas,

tempo de reconciliação entre os desavindos e o convite à conversão e à penitência, e da acção de graças pelos dons divinos concedidos à Igreja e ao mundo.

Foi a partir da Idade Média que o Jubileu manifestou a capacidade da Igreja de remir não só as culpas dos homens, mas também de perdoar as penas temporais ligadas ao pecado, e que devem ser descontadas na vida presente ou na vida futura.

Volto a Roma com os Bispos Portugueses

Não se trata de um passeio turístico, nem de uma peregrinação por motivo do Jubileu. Não foi uma convocação inesperada do Papa por alguma coisa de grave, em o motivo é a participação nem qualquer grande congresso ou encontro teológico ou pastoral.

Cada bispo diocesano deve, como tal, encontrar-se com o Papa, de cinco em cinco anos. Desta vez o intervalo foi de sete anos, devido aos problemas de saúde de João Paulo II. A última visita colectiva realizou-se em 1992.

Chama-se a esta ida a Roma "Visita ad Sacra Limina". Os lugares sagrados são os que os Apóstolos Pedro e Paulo marcaram pela sua presença e martírio. Visitá-los é ocasião para expressar e reforçar a comunhão e a responsabilidade na missão comum a que preside o Papa, sucessor de Pedro e que os Bispos do mundo,

como colégio apostólico, assumem com ele.

Encontro pessoal e em grupo com o Santo Padre; celebração nas quatro grandes basílicas romanas: S. Pedro, S. Paulo, Santa Maria Maior e S. João de Latrão; encontros colectivos e de pequenos grupos com responsáveis de Congregações Romanas e Conselhos Pontifícios; tempo para que cada bispo trate pessoalmente assuntos de interesse da sua diocese com algum serviço da Sé Apostólica. Assim se preenchem os dez dias de presença na cidade eterna.

A visita é precedida do envio de um relatório à Congregação dos Bispos, no qual se narra a caminhada pastoral da diocese nos últimos cinco anos. Dados deste relatório servem, normalmente, de tema para o encontro pessoal com o Papa.

Não sei se este encontro com João

Acção Paroquial • Acção Paroquial

Fátima

Casamentos

09/10 – José Carlos Vieira Sarabando, da Gafanha da Encarnação e Fátima Maria Carvalho Velasquez, filha de Victor Manuel Carvalho Lameiro e de Ana Mireya Velasquez Reyes de Carvalho de N.ª S.ª de Fátima.

Óbitos

21/09 – Adejarme Marques Barros, de 85 anos de idade, filho de Joaquim José de Barros e de Ana Marques.

11/10 – Manuel Simões Lopes, de 81 anos de idade, filho de Manuel Lopes e de Alexandrina Simões.

Nariz

Baptismos

28/11 – Fátima Raquel Ferreira Martins, filha de João Manuel Vieira Martins e de Elsa Martins Ferreira. Foram os Padrinhos, Pedro Miguel Nogueira Lima e Lília Raquel de Jesus Rocha.

Óbitos

19/08 – Ernesto da Costa Estevam, 85 anos de idade, filho de Manuel da Costa Estevam e de Maria Vieira.

23/08 – Maria Armandina Vieira de Carvalho Oliveira, de 68 anos de idade, filha de António Simões Carvalho e Maria Vieira.

06/10 – Maria Ferreira Almeida, de 76 anos de idade, filha de Benjamim da Silva Santos e de Silvina Ferreira de Almeida.

21/10 – Manuel Dias Simões, de 76 anos de idade, filho de Manuel Simões e de Maria Fernandes Dias.

07/11 – Albertina Maurício Sousa, de 72 anos de idade, filha de António Vieira Maurício e de Isaura de Sousa.

07/11 – Maria de Jesus, de 68 anos de idade, filha de Manuel Francisco Caniçais e de Gracinda de Jesus.

Amigos do Jornal

Fátima

António Oliveira Ferrão – 1.000\$00; Carlos Matos – 2.000\$00; Manuel Costa Campina – 1.500\$00; José António Simões Touceira – 5.000\$00; Manuel Vieira Martins – 1.000\$00; Maria Marques Saraiva – 2.000\$00

Nariz

Manuel Oliveira Silva – 2.000\$00; Maria Fernandes Tavares – 2.000\$00; Manuel Vieira Dionísio – 1.000\$00; Rainer Bastel – 5.000\$00 (Alemanha); Manuel Vieira Dionísio Junior – 1.000\$00; Adilina Jesus Ribeiro – 500\$00.

Fátima

João Gonçalves – 500\$00; Lucília Vieira da Silva (Lisboa) – 1.000\$00; Isaura Vieira da Silva – 1.000\$00; António Saraiva (Canadá) – 2.000\$00; José Barros – 2.000\$00; Maria Lopes da Silva – 1.500\$00; Alberto Sequeira – 2.000\$00; Raul Vieira de Carvalho – 1.000\$00; Aida Marques – 2.000\$00; João Pires – 1.000\$00; Manuel Simões Ferreira – 1.000\$00; Jaime Fernandes Neves (Brasil) – 3.000\$00; José Ferreira Almeida – 1.000\$00; Manuel Marques Preguiça – 1.000\$00; Herminio Esteves – 500\$00; Maria Marques Ferreira – 1.000\$00; José Carlos Braz – 2.000\$00; António Miranda Pacheco – 2.000\$00; Augusto Lopes Neto – 1.000\$00; Manuel Lopes Neto – 1.500\$00; Emilia de Jesus Lameiro – 1.000\$00; Claudino Marques Fernandes – 1.000\$00; Domingos dos Santos Martins – 2.000\$00; Carlos de Oliveira – 1.000\$00; Adelaide Duarte – 5.000\$00.

Paulo II, devido às suas limitações de saúde, se poderá realizar deste vez, ou se o Papa vai receber os bispos em conjunto, numa celebração eucarística na sua capela particular, porventura numa refeição em comum e para lhes dirigir, a todos e ao mesmo tempo, a sua mensagem. Uma mensagem que, sendo para os bispos e suas dioceses, é para a Igreja em Portugal.

Querendo Deus, estarei em Roma com os bispos portugueses, de 20 a 30 de Novembro. Comigo vai toda a diocese de Aveiro: presbíteros, diáconos, consagra-dos e leigos; seminários, paróquias, instituições, serviços e movimentos; famílias com as suas crianças, jovens e idosos; planos e realizações; motivos de alegria e situações preocupantes, desafios e

projectos, êxitos e fracassos do dia a dia.

Passei um mês em Roma há bem pouco tempo, para participar no II Sínodo Especial para a Europa. Só um motivo de grande peso me poderia fazer voltar tão depressa à cidade eterna. É a Quinta visita "ad Sacra Limina" que vou realizar e a quarta depois que estou em Aveiro. Conto com o apoio espiritual e afectivo dos cristãos da Diocese, pois a única razão que me leva é o facto de ser o vosso Bispo. Quero sentir-vos comigo, como eu me sinto convosco. Que nestes dias estejamos mais unidos na oração pelo Papa, pela Igreja, pela Diocese. Ao regressar, darei notícias.

ANTÓNIO MARCELINO
Bispo de Aveiro

Calendário e Informações / Dezembro

- 01 - Conselho Pastoral / Fátima
- Conselho Permanente / Fátima
- Grupo Caritas / Fátima
- 02 - Cartório Paroquial / Fátima
- Reunião de Catequistas / Nariz
- 03 - Cartório Paroquial / Nariz
- Ensaio do Grupo Coral / Nariz
- 04 - Cartório Paroquial / Fátima
- Ensaio do Grupo Coral / Fátima
- 05 - II Domingo do Advento
- Festa da Palavra (4º ano / Fátima / Nariz)
- 06 - Reunião dos Cursos de Cristandade de Aveiro
- 07 - Reunião do Grupo Caritas / Nariz
- 08 - Dia da Imaculada Conceição
- Confirmação / Nariz / Fátima
- Reunião de Catequistas / Fátima
- 09 - Cartório Paroquial / Fátima
- 10 - Cartório Paroquial / Nariz
- Ensaio do grupo Coral / Nariz
- 11 - Cartório Paroquial / Fátima
- Ensaio do Grupo Coral / Fátima
- Aniversário da Restauração da Diocese
- 12 - III Domingo do Advento
- Festa de S. Luzia / Nariz
- 13 - Reunião do Conselho Económico / Nariz
- 14 - Reunião de Cursos, Cristandade / Aveiro
- 16 - Cartório Paroquial / Fátima
- Reunião de Escola dos Cursos de Cristandade / Murtosa
- 17 - Cartório Paroquial / Nariz
- Ensaio do grupo Coral / Nariz
- Reunião de Escola dos Cursos de Cristandade / Sever do Vouga
- 18 - Cartório Paroquial / Fátima
- Festa de Natal / Centro Social
- 19 - IV Domingo de Advento
- Festa de Natal / Nariz e Fátima
- 20 - Reunião dos Cursos de Cristandade / Aveiro
- 23 - Cartório Paroquial / Fátima
- 24 - Cartório Paroquial / Nariz
- Ensaio do Grupo Coral / Nariz
- 25 - Dia de Natal
- 26 - Dia da Sagrada Família
- Baptismos na Comunidade Paroquial
- 27 - Reunião dos Cursos de Cristandade / ?????
- 30 - Cartório Paroquial / Fátima
- 31 - Fim do Ano

Pára, Escuta e Olha

Quantas são as vezes em que assistimos a um jogo de futebol e esperamos que a nossa equipa ganhe? Mas no que toca à droga, o resultado só depende de nós.

Não há regras. Talvez haja, mas apenas uma: sobrevivência. Não há empates e o resultado é, inevitavelmente, a felicidade extrema ou a decadência total.

Na droga os jovens procuram amizades, pois a solidão torna-se uma constante insuportável. Procuram compreensão, pois o que obtêm dos adultos, chamados pessoas responsáveis, é a incompreensão e a repreensão de todos os seus actos. Na droga os jovens procuram uma solução para os seus proble-mas, uma luz para os seus caminhos obscuros, mas na verdade o que encontram é um sem-fim de escol-has em que nenhuma parece a escolha certa.

A revolta que neles existe, torna-os agressivos e não os deixa agarrar a mão que se estende quando são puxados para o abismo pelos seus medos e escolhos. O seu desejo de felicidade, passa a ser um simples desejo de ser "normal" como todos os outros. A família que antes os rodeava, é agora para eles um grupo de desconhecidos que se senta à mesma mesa para jantar. O efeito antes conseguido por uma pequena dose, necessita agora de maiores quantidades, e a sua vida torna-se um balanço constante entre: - A vida e a morte.

Emoções fortes e fortes depressões.

A vida torna-se um jogo, em que o jogo é real... e o resultado: 1-0 ganhamos nós, ou ganha a droga.

Grupo do 11º Ano de Catequese de Nariz

Cavaqueira de Compadres

M. MARTINS ALBERTO

- Santas tardes Compadre João!...

- Deus te ajude Compadre Francisco! Caramba!... O que é feito de ti, que há um mês não das sinal de vida?

- Olha João, tenho andado a podar as cepitas lá pelo Vale do Forno, aproveitando este tempo maravilhoso que nos trouxe o Verão de S. Martinho: dias quentes que mais parecem do S. João do que do mês dos Santos.

- Lá isso é verdade Francisco, embora as noites já refresquem um pouco, os dias têm sido bastante soalheiros. Com que então já terminaste a poda das tuas vinhas?

- É verdade João, e até já dei umas ajudazitas por aí aos amigos. Ao meu Cunhado Tobias, ao meu Compadre Zé da Francisquinha e agora até o Cadengo e o Fagundes me vieram pedir ajuda. Encontrámo-nos na barbearia do Pasmado e como sabes, há poucos homens a saber mexer nas cepas e eu não tive coragem de lhe dizer que não.

- Nas cepas e em tudo que diz respeito à lavoura, Francisco.

- E é só na lavoura João? Eu digo que é em todos os sectores da vida rural. Não há um aprendiz de barbeiro ou sapateiro, alfaiate ou ferreiro, alveitar ou padreiro, cesteiro, funileiro e muito mais profissões que tendem a desaparecer com a geração dos sessenta.

- Tens razão Francisco. É a evolução deste século. Antigamente, os aprendizes de qualquer arte, ou profissão que fosse, trabalhavam anos sem qualquer remuneração, mas aprendiam, agora ninguém quer trabalhar sem pelo menos o ordenado mínimo e há profissões em que o mestre não chega a tirar o seu próprio ordenado quanto mais ainda para pagar ao aprendiz!...

- Essas profissões estão condenadas a acabar.

- É como tudo na vida Francisco: nada pára. Nós andamos descalços toda a nossa infância e adolescência e agora, ainda o bebé não viu a luz do dia e já tem à sua espera meia dúzia de pares de sapatinhos. Então Francisco!... Que me dizes do magusto Paroquial?

- Pouco te posso dizer João, porque não fui lá; alguma coisa que sei, foi através da minha Jacinta que veio encantada com a festa. Diz ela que não faltaram castanhas, bolos, figos, vinhos e mais bebidas, assim como não faltou alegria e animação principalmente na parte jovem que deu bastante vida ao evento. Diz ela que só foi pena a participação de adultos ser um pouco reduzida, mas que de qualquer maneira seria bom que, se desse vida a esta iniciativa, procurando assim unir mais as gentes da nossa Paróquia.

- Estou admirado! Tu que não costumavas faltar nestes encontros, como é que isso aconteceu desta vez? A não ser que pensasses que se pagava jóia de entrada...

- Nada disso João! Fui até à Associação Desportiva e entrei-me lá no domínio com o Chico Morcela e o Miguel Palheta e quando dei por ela, era de noite. À saída encontrei o Timterrim que me abeirou a perguntar-me a razão porque é que eu não tinha ido ao magusto, e foi nessa altura que me recordei. Quando cheguei a casa ainda tive de aturar a minha Jacinta, porque mesmo até ela me censurou por eu não ter ido. Confesso que fiquei com pena, mas como te disse a causa foi o descuido.

- Não fiques triste Francisco, porque não ficaste só. Tens muitos companheiros. Olha João; vou andando que já está a fazer frio e a gripe anda aí de ronda. Fica com Deus!

- Vai na paz do senhor, Francisco, e até à próxima.

Em tempo de Natal

(Continuação da última página)

Em bastantes casos ele é apenas encontro humano, com dimensão exclusivamente humana, sobrecarregada com o peso do consumo que proporciona a mera satisfação dos anseios pessoas, esquecendo-se os problemas dos mais pobres, da região e do País.

Neste mesmo sentido vai o evitar-se o Presépio no lar ou em público, como se ele anulasse a legítima dimensão humana.

4 - Há que restituir ao Natal, em muitos casos, a sua verdadeira dimensão cristã como comemoração ou celebração do Nascimento de Jesus.

Têm neste trabalho um lugar de relevo os cristãos conscientes de que são discípulos de Cristo.

Nas suas casas, nas suas relações familiares ou de amizade ajudarão a que a alegria e a festa de Natal não esqueçam o nascimento de Cristo, que as deve provocar.

Que os cristãos conscientes da sua fé não esqueçam que o nascimento de Cristo, como homem e Filho de Deus, foi para nossa libertação do mal e para que vivamos dignamente, no respeito da verdade e da justiça e no compromisso com a solidariedade, o perdão e a paz.

É que o mundo espera e conta com este serviço dos cristãos.

Que neste Natal cresça a decisão de um melhor testemunho destes imprescindíveis valores na vida de cada um e de cada dia.

Um médico que enfrenta o fim da vida

A cabo de ler, não sem emoção, um livro vivencial que dá pelo nome "O desafio da Normalidade (Impressões do fim da vida)". O seu autor é um médico do Porto, que se dedica aos doentes do cancro e que aos quarenta e três anos é ele o mesmo vítima dessa doença como escreve: "No dia 8 de Outubro de 1991, às três da tarde, no meio do trabalho, foi-me transmitida a notícia de que sofria de uma doença maligna e incurável" (pág. 31).

O médico em causa, José Maria Cabral, refere no seu livro de belo recorte literário, tudo o que a seguir se passou, e como ele a família e os seis filhos e muitos amigos viveram a doença rumo ao fim, a caminho da eternidade. "Entre em casa, convoquei a família, primeiro a Mafalda a sós, depois os seis filhos e expliquei o que se passava. Falei na morte e no que isso podia significar para eles (...). Que não tivessem receio, o verdadeiro pai é Deus, insisti muitas vezes "(...) Pedilhes confiança em Deus".

O que impressionou no termo da vida deste homem, pelo que escreveu e se sente ao ler este livro, é a sua grande fé e a sua enorme coragem perante uma realidade que a todos nos tocará: a morte. Encara-a com firmeza de quem se sente escolhido, tocado pelo olhar divino: "Deus chamou-me,

elegeu-me, ainda na penumbra da vontade" (pág. 18). "Alguém chamou pelo meu nome e me traçou um caminho" (pág. 28). "Pensei muito maduramente no encontro com Deus face a face. O que seria a morte? O mistério está no homem não em Deus. Deus é simples (pág. 37).

Em 2 de Outubro de 1993 José Maria Cabral termina o livro com um bonito e sereno diálogo com Deus para quem o leva a sua doença.

Num mundo marcado por tanto materialismo e tantas incertezas, num mundo a viver de tantas mentiras e meias verdades, a autêntica fé alimenta a esperança e dá sentido de viver mesmo nas situações humanamente mais dramáticas e angustiantes. É o caso.

Perante o sofrimento e a morte surge para muitos o desânimo e mesmo o desespero. Para o verda-deiro crente isso pode (deve) ser encarado como o encontro amoroso com o Pai que nos santifica e nos acolhe.

Sentindo toda a riqueza espiri-tual da vida que este livro retrata bem podemos dizer: felizes os que têm fé — uma fé esclarecida e actuante, profundamente vivida. "O Desafio da Normalidade" ao dar-nos conta de como um médico de família numerosa enfrenta e viveu uma doença incurável é mais um testemunho vivo da riqueza de que é ser cristão, sobretudo nos momentos mais difíceis.

😊 Para Sorrir 😊

O Sr. Silva vai ao dentista e diz:

— Sr. Doutor: são dois molares, um canino e um do siso, todos estragados. Arranque-os sem qualquer anestesia, sem qualquer preocupação.

— Bravo! Assim é que eu gosto de pessoas com coragem. Sente-se ali na cadeira, por favor!

— Desculpe, Sr. Doutor! Não é para mim mas para a minha sogra que está lá fora.

Um sujeito baixote, magro e feio, dirige-se, com ar de troça, ao empregado do Jardim Zoológico e pergunta:

— Sabe dizer-me onde é a jaula dos macacos?

Este, sem se desconcertar, responde:

— Se já desconfiava que se perdia... quem o mandou sair de lá?

A mãe dá uma lição de boa educação ao filho:

— Se tu pisasses alguém, que lhe dizias?

— Faça o favor de me desculpar.

— Muito bem! Assim mesmo é que se diz.

— E se essa pessoa te desse um rebuçado por teres sido tão bem educado que fazias?

— Tornava a pisá-lo outra vez.

— Pois eu também, meu amigo, aqui como me vê, estive um ano inteirinho sem andar.

— Que infelicidade! E que doença teve?

— Nenhuma. Só comecei a caminhar aos treze meses.

A patroa surpreende a criada a beber aniz. Indignada, volta-se para ela e exclama:

— Não gosto disso, Maria!

— Não, minha senhora?! Pois não sabe quanto perde porque isto é mesmo bom a valer!

Viver o Natal

— Se tens tristeza, alegra-te!

O Natal é alegria.

— Se tens inimigos, reconcilia-te!

O Natal é paz.

— Se tens amigos, busca-os!

O Natal é encontro.

— Se tens pobres ao teu lado, ajuda-os!

O Natal é dádiva.

— Se tens soberba, sepulta-a!

O Natal é humildade.

— Se tens pecados, converte-te!

O Natal é vida nova.

— Se tens trevas, acende a tua lâmpada!

O Natal é luz.

— Se vives na mentira, reflecte!

O Natal é verdade.

— Se tens ódio, esquece-o!

O Natal é Amor.

— Se tens fé, partilha-a!

Natal é Deus connosco.

Mais uma vez vai ser Natal

Nisto se manifestou, a caridade de Deus para connosco, em que o Filho Unigénito de Deus foi enviado ao mundo pelo Pai a fim de que, feito homem, desse nova vida pela Redenção a todo o género humano e o unificasse. (UR2)

Veio, pois, o Filho enviado pelo Pai, que n'Ele nos elegeu antes de criar o mundo, e nos predestinou para sermos seus filhos de adopção, porque lhe aprouve reunir n'Ele todas as coisas. Por isso Cristo, a fim de cumprir a vontade do Pai, deu começo na terra ao Reino dos Céus e revelou-nos o seu mistério, realizando, com a própria obediência, a Redenção." (L.G. 3)



Em tempo de Natal

1 — Nesta época do ano, anda no ar, como no íntimo de cada um, a sensação de festa.

É um misto de alegria, de paz, de solidariedade, de abertura aos mais pobres e, também, de saudade por aqueles que já partiram e estiveram entre familiares e amigos.

Não há dúvida de que esta quadra de Natal é tempo em que os bons sentimentos sobre de importância e provocam uma cadeia infinda de boas acções.

É caso para nos alegrarmos todos por este interregno na vida que, tantas vezes, é dura, amarga e agressiva.

Compreende-se, por isso, que se afirme: "O Natal devia dar-se em cada dia" ou, então, "É pena que nem todos os dias sejam Natal".

2 — Diante deste fenómeno, é lógico que se pergunte por que motivo assim acontece? Por que razão, em cada ano, no Natal, há esta onda de bem querer, de reconciliação, de amor pelos mais desfavorecidos e de contenção de agressividade?

Muitas serão as razões a apontar

para esta explicação.

Não se pode esquecer, porém, que durante muitos séculos, até aos nossos dias, se comemorou e comemora, nesta data, o nasci-mento de Jesus Cristo.

É, por isso mesmo, que esta festa é chamada Natal, nascimento, nascimento de Cristo.

Desde o começo desta celebração na história, ela foi marcada pela alegria e pela fraternidade.

As artes, as letras, as liturgias sublinham esta realidade. Muito há nelas de alegria pelo cumprimento das promessas e profecias antigas referidas ao nascimento do Messias prometido na pessoa adorável do Menino Jesus e pela esperança de melhores dias na solidariedade e na paz.

É, pois, fundamentalmente cristão o Natal que recebemos dos nossos antepassados e que vivemos em cada ano.

3 — É com pena que se verifica o esvaziamento generalizado, mesmo em boa parte da população portuguesa, do sentido cristão do Natal.

(Continua na terceira página)